



*A umidade da Amazônia não mais impede os incêndios*

## *Ação do homem facilita incêndios na Amazônia*

**BELÉM** — Embora a floresta tropical úmida raramente se incendeie, porque o microclima e a elevada precipitação geram condições impróprias para o material combustível se inflamar, a Floresta Amazônica, em consequência da ação humana que vem sofrendo, está se transformando em autêntico barril de pólvora e pode sofrer incêndios semelhantes àquele que devastou 3,7 milhões de hectares de florestas dipterocarpa no Kalimantan Oriental, Indonésia, entre 1982 e 1983. A área arrasada equivale quase ao tamanho de Taiwan e era seletivamente explorada por madeireiros.

A preocupação que o desastre se repita na Amazônia Oriental, principalmente, é manifestada pelos pesquisadores Christopher Uhl e J. Boone Kauffman, respectivamente do Centro de Pesquisas Agropecuárias do Trópico Úmido (CPATU) e da Universidade Estadual do Oregon, Covalis, EUA, que concluíram há pouco tempo um trabalho de campo denominado *Por que a Amazônia está queimando: a explicação biológica*.

Eles afirmam que, no momento, as paisagens tropicais naturais estão sendo radicalmente transformadas pelas atividades de "desenvolvimento" humano, e criam uma colcha de retalhos de florestas exploradas com extração de madeiras, pastagens e florestas de sucessão (em terras abandonadas). "Com essas mudanças no uso da terra, chega-se a evidências de que estamos entrando em outra era, na qual o fogo é o fator dominante nas regiões de florestas tropicais úmidas."

Uhl e Kauffman identificam muitas semelhanças entre as condições da Amazônia Oriental e o Kalimantan Oriental e asseguram que as florestas que tenham sido seletivamente exploradas são suscetíveis a incêndios porque têm elevada biomassa de matérias combustíveis e apresentam aberturas extensivas do dossel, o que resulta num microclima quente e seco e que seca rapidamente o material combustível.

"Na Amazônia brasileira oriental, conflagrações de fogo agora rotineiras transferem-se de pastagens para criação de gado (onde o fogo é ateado para renovar o capim) e para as áreas de florestas de sucessão, vizinhas", explicou Uhl. No geral, segundo os dois pesquisadores, o regime de incêndios na Amazônia está mudando de um quadro de muito pouca frequência e, provavelmente, baixa densidade, para um regime mais frequente e com alta potencialidade de danos aos ecossistemas. "Quando os incêndios ocorrem, podem não provocar, necessariamente, a morte de todas as plantas vivas", disseram. Espécies de árvores que têm camadas espessas de casca, protegendo os tecidos cambiais, podem sobreviver a alguns incêndios, de acordo com as conclusões dos dois cientistas.

**Exploração** — "Os nossos estudos, nos ecossistemas alterados pelo homem, revelaram que relativamente pequenas alterações no microclima produzem condições propícias para a sustentação do fogo", enfatiza Uhl. Ele e Kauffman destacaram as muitas similaridades entre as atividades de exploração florestal da Amazônia Oriental e os eventos anteriores ao incêndio na floresta úmida do Kalimantan Oriental. O principal é que a pluviosidade está em torno de 2 mil milímetros por ano e as árvores da floresta tropical estão no climax natural em ambas as regiões.

"A exploração comercial da madeira é uma atividade recente em ambas as áreas, sujeita apenas a regulamentos mínimos. Essa exploração seletiva de madeira conduz a alterações brutais na estrutura florestal, com dramático aumento na carga de material combustível", afirmam os pesquisadores. Tanto no Kalimantan Oriental quanto na Amazonas Oriental, de acordo com a pesquisa, a exploração remove tipicamente de quatro a sete árvores por hectares, mas danifica de 25% a 50% remanescentes no processo.